FLORO BARTOLOMEU — O CAUDILHO BAHIANO

Pe. AZARIAS SOBREIRA

Não é sem fundamento que se tem dito que *a história se repete.*

Do mesmo modo que a revolução soviética procurou repetir, num sentido inverso, as atrevidas incursões de Napoleão Bonaparte sobre os povos da Europa, assim os sertões baianos se desforraram, na pessoa de Floro Bartolomeu, da sanguinolenta actuação que o cearense António Conselheiro por lá tinha exercido.

Um e outro, apesar da diferença de cultura e de época, foram, até certo ponto, outras tantas vítimas do meio, ecoando, sem o perceberem, as tendências impulsivas do sertanejo bronco, feitas de crenças ingénuas e ímpetos de revolta contra o seu abandono secular.

O Padre Cícero, por uma dessas fatalidades difíceis de explicar, acabou patrocinando uma revolução armada contra o governo do Estado, ele que, em 1897, se sentira injuriado ao saber que os poderes constituídos de Pernambuco, certamente mal informados, lhe atribuíam conivência na rebelião de Canudos

Ironia do destino! dizem uns. Arcanos da Providência! aventuram outros. Fatalidade do temperamento! quero eu pensar.

*

* *

Quem era Floro? Esbocemo-lo em rápidas pinceladas.

Baiano e solteirão, mal concluíra o curso médico, rumou

para os sertões do Estado natal, onde viveu da clínica e do serviço de garimpo.

Dali, em 1907, viu-se atraído ao sul do Ceará pelo conde belga Adolfo van den Brule. Este já estivera na referida zona cearense, farejando a célebre mina de cobre do Coxá, já então pertencente, em boa parte, ao Padre Cícero.

Ambos, àquele tempo, já se estimavam, sócios que estavam sendo na extração de diamantes, em Ventura, pleno sertão da Baía.

Em maio de 1908 foi que, à sombra do conde, chegou a Juazeiro e entabolou as primeiras relações com o Padre Cícero.

Juazeiro ainda era uma pobre povoação, sem importancia social ou política, com pouco mais de duas mil e quinhentas casas, na maioria de taipa, quase pela metade cobertas de palha, quase todas de construção primitiva. Mobiliário? Feitas raras excepções, resumia-se em meia dúzia de cadeiras ao lado de uma mesinha, na sala de visitas. Escolas públicas? Duas sòmente. Particulares havia perto de quinze, algumas com grande número de alunos, e gozando sempre do apoio moral e, vez por outra, também material do ex-capelão da localidade.

Destacava-se, em alto relevo, a benemérita escola de Isabel da Luz, assim apelidada por ter igual nome sua inesquecível directora. Isabel da Luz era uma moça piedosa que obrava o milagre de, quase sòzinha ,alfabetizar e manter em disciplina mais de sessenta mocinhas que ali iam receber lições de música vocal, leitura, contabilidade, religião, pontos de agulha... Ali também se aprendia a arte do palco, representando dramas religiosos, cousa a que o Padre Cícero jamais faltava.

Uma estação telegráfica, uma agência do correio, uma banda de música sem expressão, algumas imagens de arrebatadora beleza nos oratórios locais, eis tudo o que de progresso se podia registar em Juazeiro. Nem uma praça regular. Nem um prédio moderno. Nem um mercado tolerável. Nem um leigo de mediano preparo, tirante José Marrocos, chegado de fresco. Nem um capitalista desses de cem contos de réis, ao menos. Nem uma manifestação de imprensa, digna de nota.

Desde a condenação dos *milagres*, em 1894, a localidade, que devia à fama dos mesmos o seu fantástico desenvolvimento, entrara a decair vertiginosamente, decadência agravada com as secas de 1898 e 1900, que a deixaram despovoada e em manifesta miserabilidade.

Prédios adquiridos ao preço de um conto de réis ficaram sem valor e até sem moradores. Conheci uma boa casa de tijolo, na Rua Nova, servindo de chiqueiro de cabras, por não haver quem a alugasse

Polìticamente, a terra era de todo inexistente e tão desclassificada que meia dúzia de soldados de polícia podia surrar os feireiros, sem que uma voz se erguesse para protestar.

A chegada de Floro coincidiu com a subida de nível económico em Juazeiro, como em toda a região, em vista do reaparecimento de invernos regulares, cousa rara, havia longo tempo. Não só isto. Despertou a conciência cívica do vilarejo que começava a sonhar com a própria autonomia municipal.

Sem a sua cooperação e a do Padre Alencar Peixoto a ideia dificilmente tomaria corpo, concretizando-se. Alencar Peixoto deixara o Crato, desgostoso com a situação. Passando-se para Juazeiro, fundou logo "O Rebate", semanário combativo e desabusado, a cujo programa o médico baiano se associou, colaborando activamente.

No primeiro, prevalecia o azedume contra as autoridades eclesiástica e civil do Crato, para tomar as dores da povoação e erguê-la em desafio à vizinha cidade, interesseiramente hostil à projectada autonomia.

No segundo, o desejo de se tornar conhecido e fazer carreira política, ao mesmo tempo que abria campo à discussão das minas de cobre, alvo primordial de sua aventura.

Um observador inteligente havia, porém, de descobrir, sem grande esforço, dois obstáculos ao predomínio do jovem médico. De um lado, o prestígio do Padre Alencar Peixoto, conhecido por seu génio bilioso e intimorato, rival temível, até pela família, de flagrante influência.

Doutro lado, ali estava a vigilância solerte e indormida de

José Joaquim Teles Marrocos, queridíssimo do Padre Cícero que acabara de atraí-lo para junto de si e tinha nele um amigo de todos os tempos, além de defensor de alto preço. Marrocos era um glorioso abolicionista cearense, jornalista experimentado, educador de profissão, teólogo da questão religiosa local e objecto de rasgada estima do Padre Alencar Peixoto.

Não podia, portanto, ser-lhe agradável a presença do baiano, a quem cedo classificou de aventureiro.

Como se vê, o cenário era hostil e perigoso.

Dentro em pouco, todavia, José Marrocos baixava ao túmulo, ceifado um tanto misteriosamente. Quanto ao redactor-chefe de "O Rebate", em poucos anos estava afastado, não sem rompimento, do convivio do patriarca, enquanto Floro ganhava na confiança deste, com quem passou a residir, à maneira de filho mimoso da casa.

De então por diante, a subida do médico adventício se fez naturalmente, desde o lugar de vereador do novo Município até a conquista de uma cadeira no congresso federal.

Floro ainda colaborava com o Padre Alencar Peixoto e já pôde ver Juazeiro vibrando em comícios cívicos, como também quatrocentos homens armados para garantia do povo, que o verbo dos dois amotinara contra a servidão política. Resultado: o governo, num acto de justiça, reconheceu a independência municipal de Juazeiro.

O mais que se sabe da terra do Padre Cícero, no sector das reivindicações, foi simples corolário de semelhantes premissas.

*

* *

Do exposto, entretanto, não se vá deduzir que Floro fosse um reles aventureiro, sem pendonor, sem dignidade nem carácter. Porque tinha de tudo isto. Era leal; sabia manter a palavra dada; sabia perdoar; cultivava a amizade; era desprendido e esmolér. Nunca atraiçoou um serviçal e, ainda menos um amigo. Ainda mais: timbrava em assumir, de viseira erguida

as responsabilidades de seus próprios actos, por mais passíveis de censura.

Chegou, nesse terreno, a afrontar, ousadamente, o decoro público de toda uma grande cidade, mandando levar, pelas ruas do Crato e em pleno dia, para o cemitério dali, os primeiros ladrões fuzilados por ordem sua.

A ele deve Juazeiro o fastígio político então adquirido. Deve-lhe o agigantado calçamento das ruas; a bem inspirada matança do boi zebu, que o fanatismo explorava; a prisão e o desmascaramento da chamada *côrte celeste*, etc. Afinal, o providencial desvio da coluna Prestes, que tinha os olhos alongados para o Cariri, onde o génio guerreiro do jagunço, a proverbial riqueza da zona e o esperado apoio do Padre Cícero poderia ter conflagrado todo o nordeste pátrio, desviando o curso de acontecimentos.

Em vários assomos de prepotência, correndo embora riscos de vida, esmagou, com mão de ferro, depois de deputado federal, os mesmos bandidos que ele colocara no palco e aplaudira calorosamente. Não carecendo mais deles para subir, abateu-lhes o orgulho, afastou-os para longe de si e assistiu, impassível, à eliminação sumária e ao desterro de quase todos.

Bem disse Joaquim Nabuco: "A fatalidade das revoluções é que, sem os exaltados, é impossível fazê-las, e com eles é impossível governar".

A Juazeiro que lhe facilitara a vertiginosa carreira política, Floro retribuiu, em grande parte, os préstimos recebidos: rebateu abusos, restabeleceu a ordem, implantou disciplina, promoveu memoráveis torneios cívicos e fez dele a cidade alegre, moderna e ordeira que ficou sendo.

*
* *

A par de tamanhas qualidades, autorizou requintes de selvageria, e deu mão forte a grandes protectores de criminosos

que tiveram nele, durante anos, a principal defesa contra a acção saneadora da polícia.

Embaraçou notàvelmente, por sugestões interesseiras e impatrióticas, a evangelização regular de Juazeiro, provocando dissabores aos vigários e instigando o patriarca contra prudentes dispositivos diocesanos. Acima de tudo, pesavam para ele as vantagens políticas imediatas, não tolerando jamais que lhe frustrassem as ambições, ainda quando estava em jogo o maior bem geral.

E' este, aliás, o feitio trágico e inelutável de autocratas e ditadores.

Nos últimos dois anos, consumido pela angina-pectoris e por inopinada contradição, tornou-se atrabiliário e violento. Perdeu a compostura, ameaçou meio mundo, rompeu com os amigos fiéis, desferiu golpes tresloucados pela imprensa, irou-se contra quem o erguera do anonimato, e morreu no Rio sem a lágrima de um mortal.

Teve, em compensação, honras fúnebres de general do exército, vistoso prémio do governo da União aos serviços por ele prestados à legalidade.

*
* *

Falando de Floriano Peixoto, diz Baptista Pereira: — "Indiferente ao que arrasta o comum da humanidade, inacessível ao luxo, ao dinheiro, à sedução feminina, aquele analgésico tinha uma sensualidade: a concupiscência do poder".

Sem nenhuma modificação, poder-se-ia dizer a mesma cousa do Padre Cícero, até aos cincoenta anos de idade. Estava-se por ver, até então, no norte do Brasil, um eclesiástico mais desprendido de bens da fortuna,mais desataviado no trajar, mais a cavaleiro de condescendências, por mais inocentes, com o sexo de Eva.

Aliás, tal simplicidade franciscana e tal pureza de costumes o acompanharam inseparàvelmente, do berço à sepultura.

Era, porém, manifesta a sua paixão da glória. Não essa glória efémera, ambicionada pela maioria dos mortais, e sim a glória dos santos, na visão beatífica e na estima da posteridade. Toda a sua existência vinha sendo enquadrada nesse plano; e só rendido pela evidência foi que o segundo bispo do Ceará, austero e parco em elogios, disse, a respeito dele, depois da visita pastoral levada a efeito no sul do Estado: "A virtude do Padre Cícero enche todo o vale do Cariri".

Quanto à concupiscência do poder, começou nele com o sacerdócio e foi crescendo, dia a dia, nma subida ininterrupta, até o final de sua acidentada carreira.

Natureza voluntariosa e dominadora, servida por excepcionais predicados de inteligência e simpatia, o ministério sacerdotal, vivido entre populações primitivas e crédulas ofereceu-lhe campo fecundo à sede de autoridade.

Instado pelo desejo ardente que sentia de conquistar almas para o Cristo, tantas que compensassem os claros abertos, na Europa, pelo filosofismo e pelas seitas protestantes, nada ele via de condenável na projecção de seu nome, contanto que isto representasse real prestígio da Igreja, em o Novo Mundo.

Tanto como o Cura D'Ars ou Dom Bosco o futuro patriarca do Juazeiro encarnou,por mais vinte anos, o anseio cristão de dilatar o Reino de Deus, dando ao catolicismo numerosos servidores e obreiros sem mancha.

Juazeiro devia ser, no seu pensar, um como ôásis de fé e piedade à antiga, onde o viandante, enfastiado do deserto da vida, encontrasse novos motivos de esperança, e onde, especialmente, o próprio Deus, irritado com as desordens da humanidade pudesse recrear a vista e sentir-se um tanto indenizado do sacrifício do Gólgota.

Revivendo Teresa de Jesus, ele queria aparar,, em sua própria pessoa, todos os golpes desfechados contra a Igreja pela impiedade blasfema; e, a exemplo da santa doutora, desejaria merecer do Divino Mestre aquele desafogo sem igual: — "Quando o mundo me desprezar de todo e já não quiser saber de mim, virei fazer minha morada em teu coração".

Ia mais longe ainda. Á proporção que via generalizar-se o ódio contra o papado, ao tempo da tomada dos Estados pontifícios, e diante das leis de compressão da conciência cristã, aumentava seu desejo de martírio, desfecho que lhe parecia naturalíssimo para ele e sua gente. Chegou mesmo, nos primeiros calamitosos anos da República, a deixar entender que havia de ser martirizado no vizinho serrote do Horto.

*
* *

Bastou-lhe, a princípio, o domínio espiritual sobre as mil e tantas almas de que se compunha o seu rebanho em Juazeiro.

Mais tarde, à medida que se espalhava a fama de suas virtudes, foi se multiplicando por dez, por cem, por mil o primitivo círculo de seus devotos, espalhados já por todo o norte do Brasil, e tanto mais devotos quanto a distância avultava o sentimento elástico do maravilhoso.

Com o desenrolar dos tempos e na razão directa de suas desilusões, depois que ficou privado do uso de ordens, foi acordando nela a concupiscência dos bens da fortuna e, logo mais tarde, a do poder civil, que o empolgaram, enchendo-lhe os longos dias, até o crepúsculo definitivo.

Condecorado pela voz pública com o título de anjo da paz, empunhou, na velhice, talvez a seu próprio pesar, o facho da revolução civil. E, de degrau em degrau, foi Juazeiro se convertendo, de terra indefesa em praça forte, de distrito imponderável em cabeça de comarca, de centro de piedade em fiel da balança da política estadual, além de eleitorado de incontestável pujança. Moisés não teria falado ao povo israelita com maior autoridade, nem foi ele obedecido com mais respeito e, notadamente, com mais alegria. Cumprir-lhe as vontades era a primeira e mais alta preocupação de seus romeiros, que viam nele o porta-voz da divindade e para quem o patriarca era tudo.

*
* *

O Padre Cícero não era da estirpe espiritual de Paulo de Tarso. Este rasgava a própria túnica, tomado de indignação, ao ver que pretendiam tomá-lo por um deus descido à terra. Aquele contemporizava com a ignorância ambiente, invocando, para seu uso pessoal, a tolerância do papa São Leão Magno, diante dos hunos marchando sobre Roma. Invocava a tolerância dos jesuítas na América, fechando os olhos a certas usanças dos selvícolas, ainda impregnados de paganismo, na esperança de ganhá-los para Jesus Cristo, depois de, pela bondade, haver-lhes conquistado o coração

Manda, porém ,a verdade que se faça uma ponderação: ao passo que os missionários de Loiola iam, de mansinho, expurgando a mentalidade indígena das superstições. pagãs, até integrá-la, ao cabo de gerações, no verdadeiro espírito cristão, o patriarca jamais atacou de frente a referida chaga social. Como explicar semelhante contemporização em um carácter insinuante e dominador por índole? Antes de tudo, as mostras de respeito de que era alvo, lisongeando-lhe o amor próprio, deviam toldar-lhe a exacta visão teológica. Devia aquilo parecer-lhe inocente e perdoável, mesmo como um contra-peso à grita que, por fora, se levantava contra ele.

Além disso, a necessidade de atender, a todo instante, a centenares de pessoas que porfiadamente o procuravam; os desgostos que as contradições incessantes lhe adensavam nalma; o despique com certos colegas de classe que nem sempre o tratavam cortêsmente; as preocupações políticas; o próprio cansaço acarretado pela velhice irrompente; tudo isto, de mãos dadas com a altivez de seu temperamento e a alta ideia que tinha de si mesmo, frustrou, perenemente, a campanha que lhe competia mover contra o fanatismo e que só ele teria feito de modo satisfatório.

Um obstáculo, todavia, se lhe devia antolhar, é certo: a própria natureza do seu auditório, composto, em boa parte, de ouvintes movediços, que, indo a Juazeiro uma vez por ano, logo regressavam a seus penates.

*

* *

O Padre Cícero sabia conciliar os direitos divinos — *gloriam meam alteri non dabo* — com a sede de projeção. Contentava-se de preconizar a moral católica, e dizer, de espaço em espaço, que não era Deus, porém o dedo divino providencialmente suscitado entre os seus romeiros, para lhes apontar o caminho do céu. Desde que insistisse nisso e no alto preço da devoção filial à SS. Virgem, acreditava ter prestado valioso serviço à fé cristã, já que, encarecendo, por tal forma, a importância da redenção, premunia, indirectamente, o sertanejo incauto contra as emboscadas do protestantismo.

Ao passo que São Paulo, abrasado de zelo pelo reinado do Homem-Deus, não admitia que seus discípulos exagerassem nele mais do que ele era realmente, com toda a sua humanidade mal vencida pelo homem evangélico, o patriarca se comprazia, não sei se de caso pensado, em parecer entendido nos segredos dos corações, isentos de necessidades fisiológicas e em reiterado entendimento com a divindade.

Daí, talvez, o hábito muito seu de cerrar as pálpebras, quando conversava, em horas de fadiga, com pessoas humildes, e fazer cruzes e gestos de aprovação com a cabeça, sempre que era encontrado em oração.